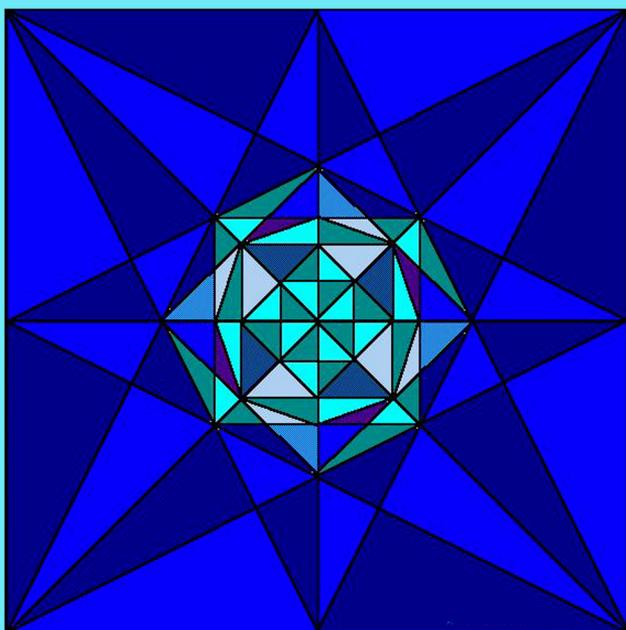


A Psiquê Espírita

Fundamentos Gerais



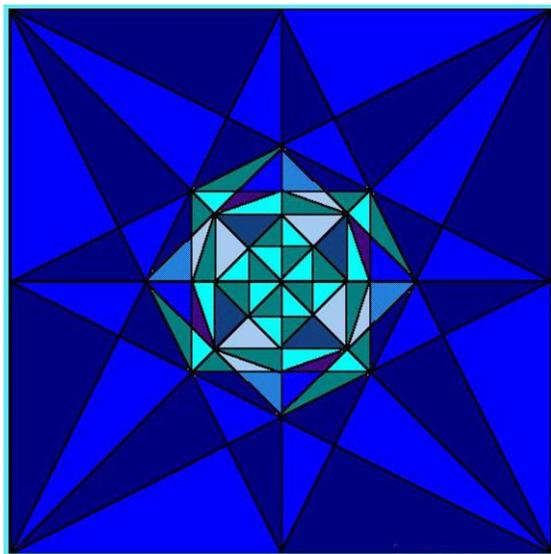
Eduardo Penna

A PSÍQUÊ ESPÍRITA

Fundamentos Gerais

A PSIQUÊ ESPÍRITA

Fundamentos Gerais



Eduardo Penna

Rio de Janeiro – RJ - Brasil

2022

© 2022. Todos direitos reservados.

Eduardo Penna

Rua Paula Freitas 54 /301

Copacabana – CEP 22040-010

Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

+55-21-32811575

epenna@domusweb.com.br

<https://domusweb.com.br/master/index/epenna/>

Lulu Enterprises, Inc.

www.lulu.com

3101 Hillsborough St.

Raleigh, N.C. 27607

USA.

ISBN: 978-1-4583-0444-5

Direitos autorais definidos pelas leis internacionais vigentes, pelos termos definidos pela Lulu®, com as respectivas restrições pertinentes.

Arte Gráfica & Diagramação:

Eduardo Penna

P412

Penna, Eduardo.

A Psiquê Espírita / Eduardo Penna - Carolina do Norte,
EUA: Lulu Enterprises, Inc, 2022.
85f. ; 21 cm.

Bibliografia: 1865-2022
ISBN: 978-1-4583-0444-5

1. Psicologia. 2. Espiritismo.
I. Título.

CDD 133

SUMÁRIO

<i>01.O Conceito de Psicologia Espírita.....</i>	<i>07</i>
<i>02.Noções Anatômicas e Fisiológicas.....</i>	<i>13</i>
<i>03.A Interface Espírita.....</i>	<i>21</i>
<i>04.A Aura.....</i>	<i>31</i>
<i>05.A Providência da Amnésia da Reencarnação.....</i>	<i>41</i>
<i>06.Sonhar com Desencarnados.....</i>	<i>47</i>
<i>07.A Visita da Saúde.....</i>	<i>61</i>
<i>08.Fundamentos Teóricos da Mediunidade.....</i>	<i>69</i>
<i>09.Doença Física x Mental x Espiritual.....</i>	<i>79</i>

01. O Conceito de Psicologia Espírita

a. Introdução:

Como palavras iniciais deste primeiro capítulo, vale comentar e, talvez, advertir que a presente obra visa tão somente abrir os caminhos pra os leitores e interessados neste campo de estudo, não se propondo a ser um tratado sobre o tema.

Sugere-se leituras especializadas, para maiores e aprofundados estudos, infelizmente complexos para a maioria, o que justamente os afasta e impede delas se aproximarem.

b. Resumo Histórico:

Considerando-se o despertar de novas Ciências no final do Século XIX e no início do Século XX, assim como tivemos o nascimento do Espiritismo, também em outras áreas floresceram os estudos convencionais científicos, ladeando e preparando o terreno para uma compreensão mais ampla de todo o conjunto da Obra Divina, em ambos campos, material e espiritual.

Estamos falando do período compreendido entre 1850 e 1925, quando floresceram as descobertas de

novos caminhos de estudo do Sistema Nervoso e de sua estrutura não só concreta, mas também abstrata. Em um período onde temos a concomitância do nascimento do Espiritismo em si.

Enquanto os cientistas puristas lutavam para que não houvessem contaminações de conceitos metafísicos, religiosos, sobre o estudo da mente, por outro lado estes estudos também, por si só, estavam amadurecendo em paralelo, não necessariamente conflitante.

O nascimento da Psicologia como estudo da Mente, destacando-se da Medicina, para constituir uma matéria e profissão foi quase que simultânea à própria criação da Neurologia e da Psicanálise, quando Sigmund Freud (1856-1939) se desconectou do Hospital de Salpêtrière (Paris, França).

Freud foi discípulo de Jean-Martin Charcot (1825-1893), o qual, com seu mestre Guillaume Duchenne (1806-1875), são considerados os “Pais da Neurologia”.

Mas antes de Duchenne e Charcot, vale lembrar que estes ilustres nomes e demais até agora citados, na mesma instituição, Salpêtrière, também fora membro e Diretor, o grande vulto Philippe Pinel (1745-1826), considerado o Pai da Psiquiatria, - porém em seu período ainda atrelada à Neurologia.

Lembra-se, também, que Carl Gustav Jung (1875-1961), contemporâneo de Freud, dele se distinguiu por ter uma abordagem mais ampla e transcendente até, com os conceitos dos Arquétipos e com grande estudo sobre Simbolismos. Reconhecia algo que hoje pode ser visto como memória genética para alguns, mas para outros, confunde-se com o conceito de memórias regressivas, além de uma só existência material, bem como a lembrança cultural de um povo.

Sem nos determos na História da Medicina e das Disciplinas Mentais, o nosso foco está diretamente repousado no surgimento de um personagem de alto valor para o nascimento da Psicologia Espírita, Eugêne Osty (1874-1938).

O Dr. Eugêne Osty começou o seu interesse pela paranormalidade em 1909 quando uma cartomante lhe deu uma leitura incrivelmente precisa.

No ano seguinte ele começou a sua investigação sobre o que ele chamou “Metapsíquica” e resumiu as suas pesquisas em 1913 na sua obra “*Lucidité et Intuition*” (“*Lucidez e Intuição*”).

Em 1921, depois da Primeira Guerra Mundial, ele se instalou em Paris.

O Dr. Gustave Geley (1865-1924) o convidou para participar do Instituto Metapsíquico Internacional (IMI) aonde colaborou ativamente com outros pesquisadores espíritas, incluindo o ilustre Fisiologista Charles Richet (1850-1935) e o Astrônomo Camille Flammarion (1842-1925), que bem sabemos, foram do círculo íntimo de Allan Kardec.

Com a morte do Dr. Gustave Geley que era seu amigo, Charles Richet lhe pediu para suceder como Diretor do IMI, cargo que exerceu de 1924 até morrer, em 1938.

Ao assumir o IMI, Eugêne Osty abandonou a atividade de Medicina, dedicando-se inteiramente ao IMI e estudando assuntos muito diversos no campo da mediunidade.

Ele organizou e supervisionou a experimentação com os médiuns Jean Guzik, depois com Rudi Schneider, Mme Bourniquel e Stanislaw P.(esta última por ele desmascarada), bem como nos estudos de Pascal Fortuny e Jeanne Laplace.

Assim, o Dr. Osty e o seu filho, Marcel, foram os primeiros a determinar as características da mediunidade, a seguir suas manifestações e variações.

Seu trabalho está registrado em um panfleto publicado em 1932: “*The Unknown Powers of the Spirit on Matter*” (“*Os Poderes Desconhecidos do Espírito sobre a Matéria*”).

Eugêne Osty foi um dos que mais se preocuparam com a pesquisa dos fenômenos espíritas abordando-os sob o aspecto puramente científico.

Osty faleceu em 20 de agosto de 1938, em Paris, França.

Pode ser considerado um dos Grandes Vultos do Espiritismo Científico, em muito tendo contribuído para o nascimento da Psicologia Espírita.

Depois dele houveram muitos outros que traçaram o mesmo caminho, não se bastando ao estudo do cérebro, ou melhor, do encéfalo, mas da mente, sem esquecer, pelo contrário, considerar o componente espiritual.

No Brasil, especificamente devemos destacar todo o ciclo de livros e estudos pelo espírito de Joana de Ângelis, psicografia do grande médium Divaldo Pereira Franco (1927-).

Ao todo, até o momento, a Série Psicológica de Joana de Ângelis são 17 volumes, cabendo seu estudo

aprofundado para quem se dedicar e trabalhar nesta área.

Apesar de bem completa neste aspecto, tal bibliografia guarda em si uma abrangência tão profunda e complexa, que se torna, por vezes, até difícil para Psicólogos de carreira.

Talvez o maior expoente brasileiro que se pode citar, como obrigatória referência no que se refere à Psicologia Espírita, é o Dr. Jorge Andréa dos Santos (1916-2017), Médico Psiquiatra, seu acervo tem mais de 30 volumes, dedicados às disciplinas médicas e psicológicas à luz do Espiritismo. Destacam-se recomendados os seguintes volumes, aos interessados:

- Novos Horizontes da Parapsicologia (1967)
- Energética do Psiquismo – Fronteiras da Alma (1976)
- Psicologia Espírita – 1º. Volume (1978), 2º. Volume (1991)
- Dinâmica Psi (1982)
- Enfoques Científicos da Doutrina Espírita (1987)
- Busca do Campo Espiritual pela Ciência (1993)
- Psiquismo: fonte da Vida (1995)
- Ciência, Espiritismo e Reencarnação (2000)
- Ressonância Espiritual na Rede Física (2006)

02. Noções Anatômicas e Fisiológicas:

Até o Século XIX tinha-se a dicotomia entre os Anatomistas e Fisiologistas, materialistas, quanto à construção da mente, para retirar da equação de estudos a anterior preponderante influência da Igreja, mormente a ICAR, a qual impunha a sua própria metafísica no que se compunha o conceito da mente, ao sabor do dualismo do bem e do mal, dentro dos seus próprios dogmas.

E, antes, o medievalismo que se arrastou até a Idade Moderna, impunha conceitos até de heresia ao que dela discordasse.

Foi necessária uma abordagem até ateísta para retirarem tal influência, ficando a Ciência Pura, a Biologia do Ser Humano, a qual pudesse se desenvolver de forma legalizada e permitida em sua plenitude.

Assim como a *Belle Époque* (1871-1914) permitiu o renascimento científico e o florescimento do recém-nascido Espiritismo, nós temos também os personagens cientistas anteriormente citados, destacando-se, para a presente obra, os trabalhos de Charcot, Freud, Jung, somando-se os de *Charles S. Sherrington* (1857-1952), *Alexander R. Luria* (1902-1977) e tantos outros.

O cérebro humano está dividido em lobos cada lado, normalmente simétricos ao outro lado na sua forma, a saber: frontal, parietal, temporal e occipital, além da ínsula, encoberta pelos três primeiros, que ao se desenvolverem a cobrem.

Por outro lado, chama-se “Lobo ou Sistema Límbico” as partes de vários lobos, não sendo propriamente uma estrutura anatômica, pois engloba partes de diferentes lobos, de forma funcional, onde se sediam as vias de comportamento, afetividade, emoções.

A Memória, incluindo a sua formação cumulativa progressiva, está relacionada ao que se chama Circuito Hipocampo-Mamilar, estruturas mais na base e face interna dos lobos temporais.

A memória pode ser funcionalmente dividida em recente (de fixação) ou antiga (de evocação). Conforme o tempo passa e a importância da informação ou do engrama, vai se tornando cada vez mais distante e difusa, qual uma passagem progressiva para uma espécie de “arquivo morto”. Porém muitas vezes este processo “sufoca” a memória desagradável em sua forma plena, sendo recalçada, tornando-se uma “mina explosiva” escondida dentro da própria mente, tendo por gatilho de disparo as situações de análoga representividade mental / emocional.

Segundo ainda o Neurofisiologista e Patologista Charles S. Sherrington, enquanto as partes mais anteriores (lobos frontais e parte anterior dos lobos temporais) estão em contato mais com o futuro, programador, as partes mediais estão em relação fisiológica com o presente, resposta imediata, bem como as partes mais posteriores dos lobos temporais, bem como os lobos parietais e occipitais estão com o chamado passado.

E ainda segundo este autor, a hierarquia se faz também vertical, quanto mais elevado o nível anatômico, maior a inibição sobre os níveis abaixo, progressivamente. O que nos leva ao conceito de inibir um nível, libera os abaixo.

Mas este conceito não é o temporal geral, é o de armazenamento de informação, processamento de dados e responsividade imediata ou programada.

Os lobos temporais têm uma correlação mais primitiva, além de memória, audição (consciência da audição), mas também o que o Neurofisiologista Raúl Hernández Peón (1924-1968) chamou de Quatro C: combate, corrida, comida e coito, - as funções atávicas de luta x fuga, preservação de si e da espécie.

Na tentativa de simplificar para o público em geral, citamos os trabalhos do Neurologista Luria, que o

dividiu em Unidades Funcionais, de acordo com a hierarquia de suas funções.

Assim, a I Unidade (Tronco Encefálico, Cerebelo) se relaciona às funções de sinais vitais, respiração, pulso, pressão, despertar, reflexos primitivos, coordenação motora.

A II Unidade Funcional de Luria é justamente a maior parte do cérebro, com áreas primárias (sensoriais, dos cinco sentidos), secundárias (correlação entre as funções das primárias) e as de terciárias (integração global dos elementos da II Unidade).

A III Unidade Funcional é justamente a região mais anterior dos lobos frontais, a parte que nos faz ter a cognição, o raciocínio lógico e as inibições sobre as funções mais primitivas.

Como podemos ver, a ontogenia (formação do ser), além de repetir na sua formação embrionária e fetal as fases da filogenia (evolução das espécies em seus níveis), está também de acordo com a evolução da espécie, com estruturas mais complexas, quanto mais evoluídas.

Sabe-se que as comunicações neuronais se fazem por mediadores químicos, tais como: acetilcolina, serotonina, endorfina, dopamina, norepinefrina

(noradrenalina) dentre outras, constituindo a interface para com a mente, o conteúdo dito abstrato do Sistema Nervoso, que basicamente se processa e funciona por bioeletricidade.

Soma-se a isto a interação da interface do Sistema Nervoso para com o corpo e vice-versa, através do Sistema Endócrino, glandular, onde o hipotálamo, em interação pelo sistema límbico, age pelo chamado eixo hipotálamo-hipofisário, com hormônios que estão na circulação sanguínea. O hipotálamo é parte inferior medial do centro do cérebro e ele faz um eixo funcional, relê bioquímico, com a hipófise, que por sua vez secreta substâncias que agem sobre o corpo e a mente, diretamente ou através das demais glândulas sobre as quais age e rege (tireóide, adrenais, gônadas etc).

Existe também um eixo da hipófise (pituitária) com a epífise (pineal), com importância no ciclo de sono e vigília, bem como no metabolismo de dopamina, melatonina, melanina, um relê humoral e de comportamento, com grande participação em estados mentais alterados, daí sua valorização como a “terceira visão” e considerações metafísicas e esotéricas.

Esta interface cérebro-mente estaria no elo que S. Freud buscava, mas ainda não compreendida em

sua época, para “encaixar” o seu Modelo da Teoria da Mente, transitando na estrutura anatômica.

Para S. Freud, a mente se divide em Infra-ego ou Id, Alter-ego ou Supra-ego que em conjunto constituem o Ego, o Ser, compartimentado em Inconsciente, Subconsciente e Consciente.

Para ele, ainda, somos a soma de nossos engramas, unidades de memórias, de forma cumulativa, onde forças de pulsão de vida e pulsão de morte se enfrentam constantemente, em uma progressiva repressão dos instintos primitivos conforme faz-se pessoa, interagindo com o meio e este modificando a pessoa, desde o lar até o mundo, sociedade, progressivamente.

E, em seu modelo, Freud plotou muito na referência da sexualidade humana, que a traz de origem arcaica na evolução da espécie, como mola propulsora da vida, pelo prazer em prol da preservação de si e da espécie.

Em diferentes graus de traumas, recalques (repressões não resolvidas) teríamos as variações comportamentais.

Para dar evasão ao que cada vez mais se reprime sem solução, as sublimações, onde assemelhados do objeto de desejo ou do que foi reprimido, recalcado,

manifestar-se-ia de forma compensatória, negociando o sentimento de perda, ainda que pré-consciente.

Portanto, há um jogo de memórias recentes e antigas, onde as novas experiências podem evocar antigas lembranças, de conteúdo até reprimido.

Antes de Freud, Charcot trabalhava com Hipnose, na busca da compreensão de lembranças e traumas recalcados. Freud, por sua vez, criou a Psicanálise, com o seu estudo pelas associações de engramas.

Engrama, na Neuropsicologia, é um traço ou marca no comportamento por influência de uma experiência física.

No caso, as memórias são constituídas por unidades de engrama, qual teclas de um piano, que ao sabor das experiências cumulativas tocariam as melodias da emoção, experimentadas *a priori* ou pela evocação associativa.

O que ambos muitas vezes depararam foram lembranças que não existiam nas vidas destes pacientes, o que interpretavam como sendo “emprestadas” ou “criadas” por sublimação ou outro qualquer mecanismo, onde o paciente captava de outras pessoas, transferindo ou projetando em si.

Certamente isto acabou por esbarrar em situações onde tal explicação não poderia suprir a tese que defendiam, onde entra em campo o conhecimento e a consideração de uma Psicologia não apenas restrita ao materialismo construtivo acadêmico.

Mais ainda isto se tornou patente ao se considerar o sono e os sonhos. Freud definia que o sonho é o guardião da vida, no qual os sonhos sublimam nossas frustrações. Mas o que dizer de sonhos onde a veracidade de informações desta vida não tem lugar, senão em memórias de vidas passadas?!

E, então, entrou em cena a Psicologia Espírita, de Eugêne Osty em diante.

Com este novo horizonte estabelecido, todas as correntes e escolas da Psicologia e da Psiquiatria, incluindo a Psicanálise e a Psicossintética (PNL, Programação Neurolinguista) ter tanto uma abordagem dita convencional, bem como um enfoque que considere o ser espiritual.

A abordagem espiritual é muito criticada pelos defensores materialistas da abordagem convencional ocidental, é claro, mas há muitos milênios já é reconhecida pela Medicina Oriental, principalmente Chinesa e Indiana.

03. A Interface Espírita

Segundo Charles Richet (1850-1935), desde o início do 4º Período do Espiritismo (Período Científico), iniciado em 1872 com William Crookes (1832-1919) até hoje, só tivemos avanços que permitiram a melhor compreensão da interação entre o imaterial, espiritual, e o material.

Cada vez mais entendemos serem meras dimensões diferentes da existência, assim como a água pode passar de um estado a outro e retornar, seja sólido, líquido e gasoso.

A compreensão da mente humana e sua evolução está diretamente ligada, proporcionalmente, à própria evolução, não só como espécie biológica, mas também espiritual.

O que nos permite, pelo Espiritismo Científico, entender como se faz essa transição bem como a sua comunicação.

Não nos faltam textos bem explicativos sobre encarnação, desencarne, reencarnação, evolução neste e outros mundos.

Mas ainda engatinhamos na compreensão dos mecanismos deste processo, a fisiologia da espiritualidade, o mecanismo de funcionamento de um estado a outro da existência, em ambos sentidos e dentro de cada um deles, principalmente espiritual.

Engatinhamos porque ainda desconhecemos perfeitamente a natureza dessa existência espiritual, ainda que já tenhamos muito avançado no conhecimento das energias e sua natureza, tanto quanto a Física Moderna abriu as portas deste caminho de entendimento.

Chama-se interface o que põe dois meios ou estruturas em comunicação entre si. Assim sendo, por exemplo, uma placa de som de computador é a interface para as funções eletrônicas, seja captando ou emitindo som.

No organismo encarnado, a principal interface entre o sistema nervoso e demais estruturas do corpo são os mediadores químicos, tais como dopamina, serotonina, endorfina, norepinefrina (noradrenalina) e também o sistema ou aparelho endócrino, as glândulas do corpo, que respondem a uma glândula mestra, a hipófise, ou pituitária, que por sua vez responde ao hipotálamo, parte do cérebro que coloca

o próprio sistema nervoso central em contato com as demais partes dele próprio.

No Espiritismo bem sabemos que o Perispírito é a interface entre o corpo e a alma, o espírito encarnado.

Pois bem, neste ponto caímos onde a Ciência Material tem um contraponto com o Espiritismo Científico, onde em vez de haver o sectarismo estanque de uma visão conflitante, antagônica, pelo contrário, há a interseção das Ciências Universal, onde antes erroneamente se enxergava o conflito, na verdade há a complementação de estudo, permitindo o conhecimento do todo, cada vez melhor.

Encontramos referências a esta questão, inclusive, no Evangelho Segundo o Espiritismo, do Pentateuco de Kardec, onde é abordada a questão da Ciência Convencional Material x Ciência Espírita:

Aliança da Ciência e da Religião

A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se fossem a negação uma da outra, uma

necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de idéias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso. Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos.

A Ciência e a Religião não puderam, até hoje, entender-se, porque, encarando cada uma as

coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam. Faltava com que encher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o Universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez comprovadas pela experiência essas relações, nova luz se fez: a fé dirigiu-se à razão; esta nada encontrou de ilógico na fé: vencido foi o materialismo. Mas, nisso, como em tudo, há pessoas que ficam atrás, até serem arrastadas pelo movimento geral, que as esmaga, se tentam resistir-lhe, em vez de o acompanharem. E toda uma revolução que neste momento se opera e trabalha os espíritos. Após uma elaboração que durou mais de dezoito séculos, chega ela à sua plena realização e vai marcar uma nova era na vida da Humanidade. Fáceis são de prever as consequências: acarretará para as relações sociais inevitáveis modificações, às quais ninguém terá força para se opor, porque elas estão nos desígnios de Deus e derivam da lei do progresso, que é lei de Deus.

(OESE, Capítulo I, item 8)

Com o advento dos estudos do Espiritismo Científico, citando-se trabalhos de estudo de Transcomunicação Instrumental, Fenômenos de Vozes Eletrônicas, bem como os primordiais estudos de Física e Química do final do Século IX até o momento, temos a perfeita idéia do que acima é descrito.

Em obras tais como as de Paulo Cesar Fructuoso (1949-) temos descrições perfeitas do contexto destes estudos, ao longo de suas narrativas, principalmente no livro “A Face Oculta da Medicina”, que fica recomendado.

A intenção principal deste artigo foi abrir os olhos para o sentido maior da Doutrina, orar e vigiar, pois só assim se poderá sintonizar frequências que afastem o obscurantismo trevoso das paixões inferiores, para que o ser através de sua Reforma Íntima leve à prática além do conceito.

Ao se permitir tal prática, a Conduta Espírita, poderá até ainda na vida material atingir conhecimento que lhe era bloqueado pela própria falta de empenho na adesão à própria Doutrina em si, cegando-se pela falta de condução de seus pensamentos e atos.

Como vimos, o Perispírito é a interface entre a alma e o corpo e no corpo o pensamento é albergado no

cérebro e este tem nos mediadores químicos, nele e nos hormônios, a interface para o resto do corpo. Tudo se conecta.

O cérebro é uma complexa central elétrica de muitas “subestações” com diferentes funções, que vão muito além dos tradicionais cinco sentidos clássico.

Há até quem queria mais recentemente colocar uma nova conceituação, discriminando seis e não mais cinco sentidos, distinguindo o tato e a sensibilidade vibratória (palestesia) como dois e não mais único sentido.

Esta sensibilidade vibratória nos dá a noção do próprio corpo e suas partes no espaço, permitindo saber se um braço está se movendo ou parado, por exemplo.

Para a Medicina convencional, especificamente a Neuro-Otologia, as funções vestibulares do equilíbrio têm sido consideradas como o sexto sentido, o que faria da palestesia um sétimo sentido, ambas importando para a reabilitação de pacientes com distúrbios de estática e marcha.

Mas estas funções também são capazes de perceber as vibrações do meio, que *a priori* são inconscientes, mas podem se tornar conscientes, incluindo

mudanças não só de pressão, temperatura, mas ondas eletromagnéticas.

Isto, em última análise, seria como um “sonar” pré-consciente, que nos colocaria em relação ao meio, inclusive invisível.

Vale sempre lembrar que todo conhecimento é parcial e incompleto, como já dizia Bertrand Russel. E, mais ainda importante, é ao que serve tal conhecimento, do que dele fazer, dentro da responsabilidade ética do próprio conhecimento em si, conforma a Filosofia nos traz desde Platão.

Se conhecimento é poder, grandes poderes nos trazem grandes responsabilidades, já nos dizia até Stan Lee através de seus personagens, pelos quais sempre de alguma forma buscava a boa influência sobre seus jovens leitores, através de mensagens de honra e compromisso de seus heróis.

Da mesma forma, quando mais instruído moral e espiritualmente formos, maior a responsabilidade que teremos, pois quando mais soubermos, maior nos é compulsória a conduta de acordo.

E o conhecimento nos é dado pelo mérito evolutivo e/ou pela necessidade da ferramenta para a própria evolução em si.

Donde se depreende que a mediunidade é uma ferramenta, onde a interface se exacerba e/ou se manifesta, em diferentes graus, de acordo com cada um, dentro de sua própria programação espiritual.

A programação espiritual é aquela que traça a sua marcha evolutiva, em ambos os planos de existência, espírito livre e de vez em quando encarnado, para que possa ascender cada vez mais, dentro de todo o processo já bem conhecido pela Doutrina.

Em última análise, a interface é a pena que permite o espírito escrever sua história ao longo do infinito, em suas múltiplas e sucessivas passagens pelos diferentes planos de existência.

04. A Aura

A aura humana é definida como um campo de energia, de forma ovóide, que nos interpenetra e circunda por completo, estendendo-se para além do corpo físico até distâncias variáveis.

Ao contrário dos materialistas que excluem qualquer possibilidade de aura – à exceção daquela bioeletromagnética, comprovada pela ciência cartesiana –, os pesquisadores de paranormalidade, bem como os espiritualistas e espíritas têm certeza de que ela existe, não somente nos seres humanos, mas também nos animais e nas plantas.

O halo luminoso que cerca muitas representações de santos e outras figuras sagradas do cristianismo dá testemunho disso.

Nos seres vivos, a aura desempenha um importantíssimo trabalho de trocas bioquímicas e bioenergéticas entre eles e o ambiente circundante. A aura, com efeito, absorve substâncias benéficas (energia vital) e descarrega no ar os resíduos “tóxicos” e degradados produzidos pelo metabolismo bioenergético.

Nas pessoas saudáveis, cada poro da pele representa – em escala microscópica – um jato de energia que cria uma verdadeira couraça defensiva ao redor de todo o corpo, definida como “aura de vitalidade”. Nas pessoas doentes ou enfraquecidas, esses jatos são muito débeis e se voltam para baixo, diminuindo a força defensiva original da aura.

Há relativamente pouco tempo os cientistas começaram a conhecer o intrincado conjunto de artérias e de veias que compõe o sistema circulatório de nossos corpos.

Mas, segundo os estudiosos das antigas tradições, ainda lhes falta descobrir a existência de um sistema circulatório ainda mais delicado que percorre todo o nosso corpo e que leva a força vital para cada um dos nossos átomos, para cada uma das nossas células.

Se a força vital se dissipa e deixa de circular, as células se tornam inertes e não podem ser substituídas por novas células.

O destino da célula desprovida de energia é a morte e a decomposição. Se a força vital é conservada, as células viverão o seu tempo normal de vida, e serão depois rapidamente substituídas, mantendo o corpo jovem e sadio.

A carência de energia vital ocasiona sérios distúrbios; disciplinas e terapias como a ioga, as artes marciais e a dança, a acupuntura e o shiatsu atuam no reequilíbrio dos fluxos energéticos do organismo.

Nosso organismo funciona como uma sofisticada máquina. Experimente soprar sobre um espelho e você verá que sua superfície será recoberta por uma fina camada de vapor. Isso acontece porque o ar expirado contém vapor d'água e, embora invisível, um gás chamado dióxido de carbono. Apenas esse fenômeno já demonstra que o corpo humano é uma máquina capaz de produzir energia. Mas, para produzi-la, ele necessita de:

- Oxigênio, que, com o ar inspirado, entra nos pulmões e passa para o sangue, o qual o transporta a todas as células do corpo.

- Nutrientes, que absorvemos com alimentos e bebidas.

- Energia vital, que provém do Sol, é elaborada e metabolizada pelo nosso “corpo energético” e distribuída para todo o organismo.

Se uma pessoa vive de maneira equilibrada, o seu organismo se adapta bem às diversas

circunstâncias, consegue se defender dos ataques internos e externos e tem condições de conservar a sua própria integridade. Quando, por excesso de trabalho físico ou mental, maus hábitos, alimentação incorreta ou qualquer outra razão, sua energia vital se enfraquece, ocorre um fenômeno conhecido como enervamento ou prostração. Para evitá-lo, é preciso lembrar que o trabalho estressante e as preocupações constituem uma das formas mais eficazes para se dissipar a energia vital.

O enervamento, além disso, torna mais lentas as funções de eliminação dos intestinos e de excreção dos rins, pele e pulmões. Tais órgãos, portanto, quando a vitalidade é baixa, não conseguem eliminar os dejetos tóxicos formados pela atividade biológica do organismo. Esses dejetos começarão a se acumular nas células e nos tecidos. Esse envenenamento, com o tempo, produzirá diversos problemas, como dores de cabeça, cansaço crônico, algumas formas de depressão e de irritabilidade.

Lembramos que tudo aquilo que age no corpo e sobre o corpo demanda um gasto de energia. Por exemplo, tanto o frio quanto o calor demandam energia vital que o corpo usa para se adaptar às mudanças.

Quem já passou da meia-idade e deseja viver bastante e gozar de boa saúde deve procurar

manter-se quente e evitar resfriamentos bruscos dos pés e do corpo. Sem tomar as devidas precauções, sua energia vital se dissipará rapidamente.

Deve também moderar os prazeres à mesa e desenvolver uma autodisciplina para não cometer excessos nem incorrer em faltas que possam comprometer a saúde.

Segundo antigas tradições asiáticas, o corpo humano possui um número infinito de centros de energia vital (chacras, em sânscrito), verdadeiros órgãos do nosso corpo de energia sutil. Sete deles são os principais: o chacra raiz, na base da coluna vertebral; o gonádico, junto aos órgãos sexuais; o plexo solar, na região do umbigo; o cardíaco, ligado ao coração; o laríngeo, ligado à glândula tireoide; o frontal, ligado à glândula hipófise; o pineal, ligado à glândula de mesmo nome.

A aura, em última análise, é uma expressão de nosso perispírito através da qual irradiamos a nossa energia vital, bem como influenciemos o meio e pelo meio também somos influenciados, enquanto encarnados.

A associação aos padrões de comprimentos de ondas e sua detecção tem sido associada a cores e o registro desta emanção, que não deve ser confundida com

ectoplasmia, pode ser observada nas fotos Kirlian, que visam documentar a aura.

Como vimos, a aura não é estática, ela pode aumentar, diminuir, tornar-se mais ou menos densa, assim como também variar até sua cor.

Se considerarmos apenas o componente físico da aura, este já foi demonstrado cientificamente.

Geralmente, a ideia de “aura” e suas influências sobre nós são associadas aos meios esotéricos. Agora, a ciência comprovou que ela existe: chamado de “expossoma humano”, esse campo energético que envolve todos os seres vivos nada tem a ver com energias espirituais.

Usando um dispositivo de monitoramento do ar, cientistas da Escola de Medicina da Universidade Stanford, nos EUA, observaram que a aura nada mais é do que uma nuvem vasta e dinâmica, formada por microrganismos, produtos químicos e outras partículas, à qual todas as pessoas estão expostas em qualquer ambiente. A pesquisa, publicada na revista científica “Cell”, demonstrou ainda que é possível mensurar individualmente esses elementos.

Apesar de as medições serem limitadas por serem individuais, os autores do estudo concordam que a

maior contribuição da descoberta vai ser para a área de saúde, que é determinada não apenas por fatores genéticos, mas também pelos ambientais.

“A saúde humana é influenciada por duas coisas: seu DNA e o ambiente. Condições como asma e alergias podem ser controladas muito melhor quando somos capazes de entender a que esses pacientes estão reagindo”, afirmou ao site da universidade o pesquisador e professor Michael Snyder.

Claro que dentro deste estudo acadêmico convencional somente o componente materialista das variáveis presentes foram reconhecidos.

Porém, se considerarmos que o espírito humano encarnado se conecta pelo perispírito ao corpo físico e este, ao meio, não é difícil considerar que a alma se expressa retratada pela aura.

A aura humana pode se debilitar por diversas causas e, no limite, pode chegar a desestruturar-se.

Entre essas causas, algumas são químicas, como a carência de cálcio e de ferro no organismo; algumas são energéticas, como a exposição do corpo a campos energéticos nocivos, como fortes campos eletromagnéticos artificiais, campos radioativos,

etc.; algumas são psicológicas, como o medo, o ódio, os desejos egoístas, a incapacidade de definir os caminhos da própria vida; algumas são espirituais, como participar de experiências mediúnicas sem ter um controle efetivo do que está acontecendo (as “brincadeiras do copo”, por exemplo), e todos os demais eventos nos quais a pessoa abdica do controle de si mesma.

Algumas pessoas elaboram mais energia vital do que é necessário para elas mesmas, e por isso podem doar o excedente para outras pessoas. São os que praticam a chamada “cura pela energia vital”. Outras pessoas, ao contrário, elaboram menos do que o necessário e tendem, quase sempre sem o saber, a “vampirizar” aqueles que as cercam. Essa é a razão pela qual, depois de visitar um hospital, nos sentimos com frequência sem energia.

É preciso, também, muito cuidado na escolha do “curador”.

Às vezes, ele não é sadio o bastante no corpo e no espírito, e a energia que oferece está longe de ser uma energia pura. Outras vezes, trata-se de um lobo em pele de cordeiro: apresenta-se como doador de energia quando, na verdade, é um vampiro.

Determinadas plantas, por seu lado (pinheiro, eucalipto, carvalho e várias outras), são capazes de elaborar energia vital bastante similar à energia humana, e de transferi-la para as pessoas. Por isso, aproximar-se de árvores desse tipo pode ser bastante salutar.

A absorção da energia acontece de forma natural, por intermédio da simples interação entre o campo da árvore e o da pessoa.

pode também ser incrementada com o uso de técnicas respiratórias, meditações orientais e fluidoterapia.

05. A Providência da Amnésia da Reencarnação

Assunto já amplamente abordado desde a Codificação da Doutrina, desde os tempos de Allan Kardec, a misericórdia da amnésia, parcial ou total, de encarnações anteriores, é muito importante para a boa prática espírita.

Como bem sabemos, a busca das encarnações anteriores data muito antes da própria Codificação, já sendo parte integrante das culturas e religiões orientais, tais como indianas, chinesas e japonesas.

Especial destaque àquela que nos remonta aos escritos védicos indianos, onde temos o berço da redação da transmigração sistematizada na teoria de suas diferentes vertentes religiosas.

Vale lembrar que o Espiritismo aceita a reencarnação, mas difere das doutrinas orientais quanto à espécie, não aceitando a metempsicose, na qual o espírito migra de uma existência para outra sem ser na própria espécie.

Em diversos trechos tanto em O Livro dos Espíritos como em O Evangelho Segundo o Espiritismo temos tais referências bem claras, dispensando agora sua

enumeração detalhada, recomendado fica, mais uma vez, o estudo sistemático de tais obras fundamentais.

Então, por que a amnésia da reencarnação?
Por que não lembrar das encarnações anteriores?

Certamente para aqueles já iniciados e praticantes do bom estudo teórico do Espiritismo, tal questão é superada, óbvia.

Mas, lembramos, é nas mais óbvias e simples coisas que nascem as mais graves complicações, justamente por subestimar, dando como já conhecida a matéria.

Da mesma forma, em muitas profissões, a maioria dos erros se observa não no raro ou complexo, mas no frequente e simples, pela desatenção e inadequada autoconfiança excessiva, flagelos de uma sutil soberba da eterna tentação da vaidade. Orai e vigiai, mais uma vez!

Então, vamos pelos motivos:

1. O insustentável peso das lembranças.

Imaginemos, portanto, a carga mental, psicológica, de tudo lembrar! Imagine o peso da dor prolongada

e cumulativa após tantas quanto tenham sido as encarnações pregressas!

Tornaria a vida atual insuportável, que muitas vezes já nos fracos impele ao desespero pela falta de fé e segurança.

Multiplique-se isto por tantas vidas anteriores, como se meros capítulos cumulativos na atual. Seria uma reta para o potencial suicídio, no mínimo.

2. A descartabilidade da existência.

A partir e na medida que temos a plena certeza da reencarnação, estingue progressivamente o medo da morte, o qual nos impulsiona à vida, que nos resguarda de banalizar cada existência.

Esta amnésia tanto nos testa quanto à crença na reencarnação, quanto também nos põe em contato com uma realidade onde não tornamos cada existência material uma menosprezada passagem.

Caso contrário, quando algo não desse certo, cairíamos na tentação de reiniciar em vez de corrigir, reparar, dentro da mesma passagem, vida material. E, isto, vai contra toda a Doutrina, que preconiza a vida material como marcha probatória evolutiva.

Este medo da morte só pode desaparecer a par e passo com a própria evolução espiritual, psicológica, de cada um, para que na discrepância da mente fraca com muito conhecimento, não cause efeitos destrutivos, inclusive da própria vida em si.

3. Seriedade do conhecimento.

É notória a idéia da sedução do conhecimento fútil de vidas passadas, pela mera curiosidade infantil, dando margem às falsas informações, muitas vezes fraudulentas pelos falsos médiuns. Ou então pelos médiuns mal disciplinados, permitindo espíritos não evoluídos o bastante também fornecerem informações erradas, na atenção até obsessora em relação aos que buscam o conhecimento de forma inadequada.

Conhecimento é poder e grandes poderes implicam em grandes responsabilidades. O conhecimento só serve quando consolador ou então serve a pontos específicos, autorizados pelas esferas superiores.

Sem esquecer a ignóbil prática comercial do falso espiritismo, o charlatanismo. Ou até pior, a comercialização da mediunidade real.

Nesta última condição, em geral traz consigo a progressiva perda de capacidade, como forma de restringir e abolir tal prática, como uma punição pelo demérito.

Conclusão:

O conhecimento do passado nos serve para reconhecimento de erros, dívidas morais e espirituais, - para que no arrependimento evoluamos na direção do reparo, regidos pelo Amor, na Fraternidade verdadeira.

De resto, especulação abusiva e inadequada, exceto para comprovações específicas, as quais devem ser gerenciadas pelo centros e médiuns treinados para tanto, como pode ser observado nas terapias de vidas passadas.

06. Sonhar com Desencarnados

“O sonho é o guardião da vida”

S. Freud

Dividimos os estados de atividade da consciência normal em sono e vigília, dormindo ou acordado, respectivamente.

Toda espécie animal depende do sono para reparar suas energias físicas e neste período o cérebro também se repara, porém de forma própria e especial.

Podemos definir o sono como sendo "um período de repouso para o corpo e a mente, durante o qual a vontade e a consciência estão em inatividade parcial ou completa".

O sonho é a atividade cerebral onde “viajamos” pelos pensamentos, qual uma realidade paralela, podendo ser mais ou menos fantasiosa em seu conteúdo.

Sonhar tem o conteúdo interpretado por três níveis:

- Psicologia
- Parapsicologia
- Espiritismo

Para a Psicologia, ou melhor, para a Fisiologia da Mente, é quando resolvemos de alguma forma nossas memórias e vontades, as frustrações, inclusive. Não nos elaboramos de forma parcial ou totalmente sem o controle da repressão do componente censor da consciência.

Entende-se, portanto, aí a grande importância para a Psicanálise o estudo do sonho, pois neles estão os elementos reveladores do que se esconde de si mesmo, de forma explícita ou por metáforas de símbolos, sinais, analogias.

Na Parapsicologia, entende-se que no sonho a Projeção Astral permite a franca saída do ser enquanto consciência, podendo “navegar” no tempo e espaço e/ou entrar em contato também com outros em análoga situação.

Para o Espiritismo, o desprendimento da alma pelo sono constitui uma situação muito oportuna para que ela possa “passear fora do corpo.

1. Sonhar com Desencarnados:

Durante o sonho podemos entrar em relação com nossos entes queridos.

“O sono é a porta que Deus lhes abriu para que possam ir ter com seus amigos do céu”

(O Livro dos Espíritos, Questão 402)

Assim como para a Parapsicologia, projetamo-nos, pela consciência, às outras dimensões do tempo e espaço, quando justamente podemos visitar e/ou sermos visitados pelo plano espiritual.

Afirmam os Espíritos da Codificação::

“...é tão habitual o fato de irdes encontrar-vos, durante o sono, com amigos e parentes, com os que conheceis e que vos podem ser úteis, que quase todas as noites fazeis essas visitas.”

(O Livro dos Espíritos, Questão nº 414)

Os sonhos muitas vezes são lembranças das atividades da alma quando esta se desprende do corpo durante o sono.

Sonhar com pessoas falecidas pode sinalizar um encontro espiritual de ambos. Nesse caso, é importante prestar atenção em como a alma se apresenta.

Ao contrário, se a alma se apresenta bem, feliz, pacífica, com boas vibrações, sorridente, envolvida em luz ou vestida com uma roupagem branca, esse pode ser um retrato do seu estado espiritual e de sua capacidade de libertação do plano terreno. Quanto maior for a nossa libertação da matéria e das pessoas melhor estaremos no plano espiritual.

O contrário também é verdadeiro: quanto mais presos e apegados estivermos a coisas, nomes, formas e pessoas, mais difícil e sofrida será nossa passagem. É como um viajante que gostou muito de uma cidade e não deseja mais sair de lá...

Quanto maior for seu apego a esse local, mais sofrida será sua partida e mais dolorosa a sua estadia longe. Por isso, pessoas muito ligadas ao mundo tendem a ser infelizes no plano espiritual e podem permanecer em zonas inferiores.

Se a alma aparece triste, com semblante fechado, com raiva, ou com outras características hostis ou negativas, isso pode significar que ela não realizou de forma favorável a transição, ainda tem apegos materiais e pode estar encarcerada a esses sentimentos grosseiros.

Portanto, sonhar com desencarnados pode ter três condições:

- Construtiva: assegurar o bem dos entes que se foram.
- Instrutiva: visitar planos espirituais onde aprenda com os mentores.
- Destrutiva: apegos obsessivos de encarnados e desencarnados entre si.

Há pessoas que ficam desejando sonhar toda noite com seus entes queridos já desencarnados. Devemos advertir que isso não é algo que ninguém deva almejar.

Sonhar sempre com um desencarnado pode ser um sinal de que esse espírito está preso à Terra e ligado a nós, talvez como um obsessor espiritual. É muito comum sonharmos uma ou duas vezes com pessoas que passaram recentemente pela transição.

Isso é natural e aceitável, pois muitos espíritos desejam despedir-se das pessoas que amam e usam a via dos sonhos para esse encontro. Uma última visita em sonho ocorre com várias pessoas e é algo normal, humano e saudável.

Muitas vezes o encarnado não tem consciência de que se encontrou com o desencarnado.

Por outro lado, o sonho:

“...é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. No entanto, nem sempre recordamos nossas experiências após despertar. Dizem os Benfeitores Espirituais que isso se dá porque ainda não temas a alma no pleno desenvolvimento de suas faculdades”

(O Livro dos Espíritos, Questão 402)

Creditam ainda este esquecimento às características da matéria grosseira e pesada que compõe nosso corpo físico.

“O corpo dificilmente conserva as impressões que o Espírito recebeu, porque a este não chegaram por intermédio dos órgãos corporais”

(O Livro dos Espíritos, Questão 403)

É muito justa esta observação da Espiritualidade, pois em nossa condição de Espíritos encarnados, constituem-se memórias conscientes apenas aquelas reminiscências que irritam os centros nervosos correspondentes, localizados no Sistema Nervoso Central.

Em função disso, muitos questionam a utilidade destes encontros, alegando que as idéias e conselhos

compartilhados durante o sono não possam ser aproveitados na vida de vigília.

Neste ponto, esclarecem os Espíritos da Codificação:

“...pouco importa que comumente o Espírito as esqueça, quando unido ao corpo. Na ocasião oportuna, voltar-lhe-ão como inspiração de momento”

(O Livro dos Espíritos, Questão 410a)

Até porque a grande maioria destes diálogos diz respeito a temas que interessam mais à vida espiritual do que à corpórea.

Portanto, percebemos que a possibilidade de encontro com entes queridos durante o sono é real e frequente.

Mas, para que isso aconteça, mais do que o simples fato de querer, quando desperto, é preciso evitar que as paixões nos escravizem e nos conduzam, durante o sono, a campos menos felizes da experiência espiritual.

“Aquele que se acha compenetrado desta verdade eleve o seu pensamento, no momento em que sente aproximar-se o sono; solicite o conselho dos Bons Espíritos e daqueles cuja memória lhe seja cara, a fim de que venham

assisti-lo, no breve intervalo que lhe é concedido. Se assim fizer, ao acordar se sentirá fortalecido contra o mal, com mais coragem para enfrentar as adversidades”.

(O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo XXVIII, Item n° 38)

2. Ausência de Sonho com Desencarnados:

Pergunta muito comum, principalmente envolvendo amigos e/ou parentes, por que não sonha com parentes e amigos.

Ou não nos lembramos destes sonhos, ou então o que neste processo de projeção da alma, não é para lembrar.

Todos sonhamos. E sempre sonhamos. Só que a consciência pode bloquear o sonho, de forma parcial, para o nosso próprio bem. Da mesma forma que ao reencarnar nossa memória de vidas passadas é bloqueada.

A inexistência destes sonhos pode, portanto, significar um fato benéfico, seja pela evolução das almas desencarnadas, não precisando deste contato, bem como, - no pior cenário, - estarem em níveis umbrálicos ainda incapazes de contato.

Mas, devemos sempre lembrar, que este contato para ser adequado, se realmente necessário, deve ser mediúnico, mas não descontrolado, - sem supervisão e disciplina, em sonhos.

3. Recorrência e Sonhos em Capítulos:

O forte apego a pessoas e a não aceitação da morte é certamente uma constante no ser humano. A maioria das pessoas têm sérias dificuldades em aceitar a partida de pessoas que amam e que fizeram parte de nossas vidas por anos ou décadas.

Grande parte das vezes, criamos uma considerável dependência emocional com as pessoas que convivemos.

Aqueles que ficaram na matéria teriam obviamente muito mais dificuldade em aceitar a partida do ser amado caso este se fizesse presente em seus sonhos em várias ocasiões.

É muito mais difícil deixar ir uma pessoa que continuamos encontrando do que uma pessoa que nunca mais tivemos contato.

Por esse motivo, o plano espiritual pode não aprovar o aparecimento dos espíritos em sonhos, caso

contrário, essa despedida se tornaria muito mais dramática, muito mais dolorosa, muito mais árdua.

O encarnado que sente falta do desencarnado e que sonha uma vez com o falecido, movido pela saudade, certamente irá querer sonhar várias. Como sentimos falta da pessoa, desejaríamos que ela nunca deixasse de aparecer em nossos sonhos.

Mas isso não é saudável, pois se assim fosse, tanto o encarnado quanto o desencarnado teriam muito mais dificuldade em seguir suas vidas nessa nova fase que se inicia... e não seriam capazes de abandonar o passado e viver mais ancorados no aqui e agora.

Em outras situações, o plano espiritual superior pode autorizar o encontro de ambos em sonho por diversas razões de dívidas.

Sonhar repetidas vezes com nossos entes queridos é um indicativo claro de apego dos dois lados, e pode assinalar um processo obsessivo já estabelecido.

“Os sonhos não devem ser utilizados como forma de alimentar nossos apegos aos entes queridos falecidos”

(Hugo Lapa, citado por Bia Foster)

De qualquer forma, é possível afirmar que esse encontro em sonhos pode ser autorizado como provação para o encarnado, a fim de que este sinta mais claramente, por exemplo, o apego que tem com o desencarnado, além de outras nuances que ele precisa enxergar em si mesmo.

Vale lembrar que, após o desencarne, nossos familiares não são mais nossos familiares. Ao retornam ao estado espiritual anterior à encarnação, não existe mais o corpo material e nem a carga genética.

É certo que os laços de amor fraternal não se rompem com a morte do corpo, mas é preciso compreender que não há mais o parentesco material, pois este foi criado com o corpo físico e morre juntamente com o corpo físico.

É importante enfatizar que, por mais doloroso que seja, ninguém deve ficar desejando encontrar parentes falecidos em sonhos.

Esse desejo pode criar uma vibração que acabará por aprisionar o desencarnado no plano da matéria e atrapalhar consideravelmente a sua elevação aos planos mais sutis do mundo dos espíritos.

Como vimos acima, a preservação de contato, seja de forma recorrente de situações, seja em capítulos, onde até um sonho dê continuidade a outro, pela “trama de sua “história”, o enredo nele contido.

Geralmente significa uma obsessão, ou no mínimo, uma “âncora” que possa interferir de forma ruim para a evolução espiritual de ambas partes, sonhador e sonhado.

O mais importante nesse momento é o desapego, o processo de deixar ir.

Devemos confiar no plano universal e inteligente da vida e permitir essa nova jornada do espírito.

É preciso que se cultive o desapego a fim de permitir uma transição tranquila ao parente que inicia essa nova etapa, para que este possa cruzar confiante os portais do plano espiritual da forma mais pacífica e livre possível.

Vale sempre lembrar que ninguém precisa ficar se preocupando com isso, posto que os planos de Deus são perfeitos.

Nada acontece por acaso e tudo tem um propósito superior que, por nossa condição de infância

espiritual, ainda não somos capazes de perceber em sua plenitude.

Porém, raras vezes, pode ser a necessidade de resolver questões pendentes, ou até dar avisos de urgência

Nestes casos, devem ser consultados orientadores, para que se possa até ser feito o tratamento espiritual da questão.

4.Sonhar com Vidas Passadas:

Também pode acontecer de sonharmos com parentes e/ou amigos em ambientação diferente da atual.

Quanto mais jovens ou idosos, mais frequentes são estes tipos de sonhos, dada imaturidade ou a perda da consciência, do freio destas lembranças.

Na maioria das vezes, nem os reconhecemos de imediato, pois eram outras pessoas encarnadas, mesmos espíritos em diferentes identidades.

Pode ser tanto uma falsa informação de obsessores como também uma regressão onírica, mais uma vez denotando a necessidade de uma abordagem analítica não curiosa, mas terapêutica.

5. Conclusão:

O sonho permite a alma passear fora do corpo e visitar outros lugares, tanto no plano material quanto espiritual.

Estes “passeios” espirituais devem ser analisados pelo conteúdo, para diferenciar aprendizado de obsessão.

O estudo dos sonhos, portanto, pode ajudar tanto a resolver questões pendentes de ambos os lados da existência, como também pode permitir os encarnados terem informações do plano espiritual.

Sonhar com desencarnados, portanto, deve ser uma atividade disciplinada pelo próprio trabalho que se realiza na vigília, estado mental de acordado, para que se tenha uma modelagem do íntimo e possa resolver questões, que permita estes sonhos serem instrutivos e não maléficos.

07. A Visita da Saúde

A questão que se coloca é simples.

Nos meios hospitalares e profissionais da saúde, existe um termo frequentemente usado, a dita “visita da saúde”.

Encontramos a seguinte explicação, no site Mensagem Espírita, que resume bem a questão, de forma concisa, clara e didática.

“Por que as pessoas doentes as vezes melhoram e logo depois desencarnam?”

Em caso de doença, o processo de Desligamento do doente ocorre mais lentamente. Por vezes acontece que as equipes socorristas iniciam o processo de desligamento, mas os parentes estão junto ao doente e vibram tão intensamente para que este fique bom, que dificultam muito o seu processo de desligamento.

Para resolver esta situação, os socorristas fazem com que o doente tenha uma repentina melhora. Desta forma os familiares ficam aliviados e afastam-se, continuando as suas tarefas diárias. Neste momento, os socorristas podem retomar o processo

de desligamento e o doente vem a falecer em pouco tempo.

No velório costuma haver uma nuvem cinzenta de tanta tristeza que paira no local. Às vezes o espírito está ausente, já desligado da matéria. Outras vezes o espírito está confuso no local e por vezes está a dormir junto ao corpo. O que dificulta nestes lugares é a tristeza e a choradeira das pessoas.

Seria tão maravilhoso se todos compreendessem a desencarnação como ela verdadeiramente é, e aceitassem a ausência física, ajudando o desencarnado com pensamentos de amor e carinho, rezando por ele com fé, ajudando-o no seu desligamento e na sua ida a sua nova jornada no plano espiritual.

O melhor desencarne é de uma pessoa que foi Espiritualizada em Vida, pois desencarna de uma maneira completamente tranquila, como que dormindo e acordando num belo local, entre amigos!!! É um regressar tranquilo à verdadeira casa!!!”

Também encontramos estas importantes considerações, no site da Associação Espírita Allan Kardec, texto de Fernando Rossit:

“A Melhora da Saúde nos Momentos que Antecedem a Morte

É comum verificar-se a melhora inesperada no quadro de saúde de doente em estado terminal.

A morte parece inevitável e a aflição toma conta dos familiares.

Subitamente, contrariando todas as previsões médicas, o paciente apresenta uma melhora significativa do seu quadro: abre os olhos, conversa com os amigos, trazendo grande conforto a todos.

Aliviados, os entes queridos se dispersam em busca de merecido descanso, deixando o doente sozinho.

Momentos após, o doente piora repentinamente vindo a desencarnar.

Por que isso acontece?

Por conta da intervenção espiritual, com o objetivo de libertar o moribundo das teias magnéticas criadas pelos parentes que retêm o Espírito ao corpo doente e irrecuperável.”

O autor cita Richard Simonetti, “Quem tem medo da morte?”:

“Curiosamente, ninguém pensa no moribundo. Mesmo os que aceitam a vida além-túmulo multiplicam-se em vigílias e orações, recusando admitir a separação”

...

“Raros os que consideram a necessidade de ajudar o desencarnante na traumatizante transição. Por isso é frequente a utilização desse recurso da Espiritualidade, afastando aqueles que, além de não ajudar, atrapalham.

Semelhantes vibrações dos entes queridos não evitarão a morte. Apenas a retardarão, submetendo o desencarnante a uma carga maior de sofrimentos.”

...

“Existe até um ditado popular a respeito do assunto: “Foi a melhora da morte! Melhorou para morrer!”

Ainda na mesma matéria, o autor relata a passagem do livro “Os Mensageiros”, André Luiz:

“...Onde consta o caso de um Senhor que se encontrava em coma, há vários dias, vítima de uma leucemia. Os familiares encontravam-se em grande aflição porque pressentiam a morte a qualquer momento. Como era uma pessoa querida por todos, os amigos encarnados o envolviam, sem terem consciência do fato, com energias inquietantes, uma

verdadeira teia de vibrações que prendiam o Espírito, aumentando o sofrimento do doente.

Os Espíritos responsáveis pela desencarnação daquele homem estavam encontrando dificuldades para concluir seu desligamento do corpo e solicitaram socorro para Aniceto (mentor que André Luiz acompanhava) para neutralizar a ação magnética de retenção criadas pelos amigos e familiares.

Após intervenção magnética de Aniceto, o médico do paciente anuncia que o quadro de saúde estava se alterando inexplicavelmente para melhor, trazendo bastante alívio para todos.

A melhora do doente permitiu que esposa e familiares deixassem o paciente e fossem descansar.

Aproveitando a serenidade do ambiente, Aniceto começou a desprender o corpo espiritual (períspírito) do doente, desligando-o dos despojos físicos. Após o desligamento do último laço fluídico que unia o espírito ao corpo físico, este estremeceu, ocorrendo sua morte.”

Como vimos acima, também temos a situação não só do moribundo, ancorado na matéria não tanto por si, mas pelos que estão a sua volta, ainda prendendo o seu processo de passagem.

Estas pessoas prolongam e alimentam o próprio sofrimento. Esta dita “visita da saúde” também se presta para a melhora do padrão vibratório, espiritual, dos que cercam o ente querido, seja parente ou amigo, que está em final desta jornada atual.

As pessoas, portanto, não só ancoram o enfermo terminal, mas também a si mesmas, quase constituindo uma obsessão, impedindo o curso natural.

Existe na Medicina um aforisma importante, a diferença que se deve fazer entre salvar uma vida ou prolongar um sofrimento.

Da mesma forma que a eutanásia é abominável, a distanásia também o é. Chamamos de distanásia o tratamento, em geral inútil, de pacientes já fora de possibilidades terapêuticas. Por exemplo, quando é mera questão de manter um corpo artificialmente vivo, na vigência de morte encefálica comprovada.

Ou então manter um tratamento, ou propor tratar, quando não mais há possibilidade de cura, apenas alívio de sofrimento, em geral em pacientes terminais de tumores já espalhados pelo corpo todo, outro exemplo, onde prolongar o sofrimento é apenas uma

maldade, não é caridade nem benefício, nem para o paciente e muito menos para seus familiares.

Em Medicina, constitui no Juramento de Hipócrates, que na impossibilidade de cura ou reversão da moléstia, que se pratique a redução da dor, do sofrimento, seja ele físico, mental ou espiritual.

Na concepção mais moderna da Organização Mundial de Saúde (OMS), define-se saúde o bem-estar físico, psicológico (mental) e social, que permita o ser humano ser feliz,. Ou seja, a saúde espiritual está incluída na definição, independente do credo ou religião, até mesmo quando não tendo, mas que a pessoa possa ser ou estar feliz, consolada.

Da mesma forma que temos médicos, enfermeiros e terapeutas no plano material, os mesmos profissionais existem no plano espiritual, devendo trabalharem de forma articulada, sincrônica, não concorrente. Pelo bem do enfermos e de seus afetos.

Todas os profissionais da Saúde, portanto, tem sua missão Consoladora, quando realmente humana, de seres humanos para com seus semelhantes, em uma prática não no clichê sacerdotal, errôneo pelas necessidades de sobrevivência. O compromisso do exercício decente, ético, onde se considere muito além de apenas órgãos e sistemas, aparelhos

fisiológicos funcionantes em consonância no corpo humano. E, assim, é necessário que se reconheça e respeite também a “visita da saúde”, sem mais invadir ou prejudicar o paciente, tratando o doente como um todo e não apenas a doença.

A Visita da Saúde, portanto, é o lenitivo para o enfermo e também para os que estão à sua volta, os seus entes queridos, para que a passagem se faça, para o navio poder partir do porto sem dor, para novas jornadas daquele espírito que se liberta, cumprida esta missão, esta etapa de uma longa estrada, que todo nós fazemos.

Como sabemos, nem todo remédio, - ou nenhum, - será meramente no campo material, devendo ser considerado que o maior tratamento que sempre existiu é o Amor que se veicula a qualquer relacionamento.

Amor que implica em Misericórdia pelos que sofrem e Esperança que se deve ter, tanto para si, quanto para os semelhantes. A Compaixão é necessária. Basta apenas saber vê-los como tais, nem acima, nem abaixo, mas como iguais, dentro da Fraternidade Universal, pregada nas palavras do Mestre dos Mestres.

08. Fundamentos Teóricos da Mediunidade

Sinopse baseada nos roteiros de estudos da FEB, de acordo com o livro “Mediunidade: Estudo e Prática”, Programa I, Módulo I, Tema II, “Mediunidade, Metapsíquica e Parapsicologia”.

Os fenômenos psíquicos (do grego psyché: alma, espírito), estudados pelo Espiritismo, pela Metapsíquica e pela Parapsicologia têm como agente o Espírito, ser humano sensível e inteligente.

Para a Doutrina Espírita, tais fenômenos, considerados naturais, são de duas categorias: os mediúnicos e os anímicos (emancipação da alma).

Os Fenômenos Mediúnicos intermediados pelos médiuns. Médiun é toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos. Essa faculdade é inerente ao ser humano e, portanto, não constitui um privilégio exclusivo.

Mediunidade é a faculdade psíquica que os médiuns possuem, manifestada de forma mais ou menos intensa, e por meio de uma variedade significativa de tipos (videntes, psicógrafos, audientes, musicistas,

de cura, etc.). A prática mediúnica é denominada mediunismo.

Os Fenômenos Anímicos (do grego, anima = alma) ou, mais propriamente, de emancipação da alma. São produzidos pelo próprio Espírito encarnado que, nesta situação, não age como intermediário ou intérprete do pensamento dos Espíritos. Partindo-se do princípio que todo ser humano é médium, o Espírito André Luiz assim conceitua animismo — ou prática dos fenômenos anímicos: “[...] conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação.”

Existes muitas ocorrências que podem se manifestar nos fenômenos mediúnicos de efeitos físicos ou de efeitos intelectuais, com a própria inteligência encarnada comandando manifestações ou delas participando com diligência, numa demonstração que o corpo espiritual [perispírito] pode efetivamente desdobrar-se e atuar com os seus recursos e implementos característicos, como consciência pensante e organizadora, fora do carro físico.

A Metapsíquica ou Metapsiquismo indica, segundo a Psicologia, “um corpo de doutrinas, sem base no método científico, que se funda na aceitação da realidade dos espíritos, fenômenos spiritistas, criptestesia, etc.

A Parapsicologia é uma tentativa de aplicação dos métodos científicos a esses fenômenos, usualmente inexplicados” [para a Psicologia].

A Metapsíquica foi fundada por Charles Robert Richet (1850–1935), médico francês e Prêmio Nobel de Medicina em 1913, como conclusão dos seus estudos com médiuns e, sobretudo, com pacientes obsidiados, portadores de distúrbios mentais, conforme consta em sua obra Tratado de Metapsíquica.

Richet definiu a Metapsíquica como “[...] ciência que tem por objeto a produção de fenômenos mecânicos ou psicológicos devidos a forças que parecem ser inteligentes ou a poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana.”

Classificou os fenômenos metapsíquicos, com base no estudo da mediunidade, em Metapsíquica Subjetiva e Metapsíquica Objetiva, tendo como referência, respectivamente, a mediunidade de efeitos físicos e a de efeitos inteligentes, da proposta espírita de Allan Kardec.

A Metapsíquica Subjetiva abrange os fenômenos telecinéticos, palavra derivada de telecinesia (do grego, tele e kinese = mover à distância), significa “capacidade de mover fisicamente um objeto com a

força psíquica (da mente), fazendo-o levitar, mover-se ou apenas ser abalado pela mente.”

Esses tipos de fenômenos metapsíquicos são denominados pela Parapsicologia como TK (telekinesia) ou PK (psicokinesia).

Para Richet e seguidores, a telecinesia é possível porque o indivíduo mobiliza, de forma inconsciente, energias fisiológicas (fluido vital) que impregnam um determinado objeto, movendo-o. A telecinesia seria uma exteriorização do psiquismo inconsciente.

A Metapsíquica Objetiva refere-se a uma classe de fenômenos denominados criptestesia, termo criado por Richet, para especificar o conhecimento que algumas pessoas obtêm de acontecimentos ou fatos, presentes e futuros, por intermédio da percepção paranormal, isto é, sem ação dos órgãos dos sentidos.

Nessas condições, a pessoa estaria sob efeito de estímulos psíquicos e anímicos, ainda não suficientemente explicados pela Ciência.

A Metapsíquica Objetiva é nomeada pela Parapsicologia como Percepção Extra-sensorial, ou PES, expressão cunhada por Joseph Banks Rhine, professor da Universidade de Duke, estado de

Virgínia, nos Estados Unidos da América, e fundador da Parapsicologia.

No século XX surge a Parapsicologia, também conhecida como Pesquisa Psi.

A Parapsicologia (do grego para = além de + psique = alma, espírito, mente, essência + logos = estudo, ciência), significa, literalmente, o estudo do que está além da psique, viabilizado por indivíduos popularmente conhecidos como “sensitivos” ou “psíquicos”.

A experimentação científica de tais fenômenos paranormais teve início nos Estados Unidos, em 1927, quando o prof. J. B. Rhine fundou o Instituto de Parapsicologia da Universidade de Duke, hoje Instituto Parapsicológico de Durham.

A Parapsicologia é o campo da psicologia que investiga todos os fenômenos psicológicos que, aparentemente, não podem ser explicados em termos de leis ou princípios científicos naturais. A parapsicologia inclui o estudo e investigação da clarividência, telepatia, transe, telecinese, mediunismo, poltergeist, etc. A finalidade dos parapsicólogos é colocar esses fenômenos no âmbito

das leis naturais, ampliando – se necessário - as fronteiras destas últimas.

Neste sentido, Rhine apresentou a seguinte classificação, considerada fundamental para o estudo e pesquisa do assunto:

Fenômenos psicocinéticos, PK (psychokinesis) ou TK (telekinesis), assim caracterizados por ações diretas do sensitivo no meio ambiente. Se estas ações produzem grandes efeitos, percebidos pelos circunstantes, diz-se macro-PK. As ações menores, de pouco impacto ambiental, recebem o nome de micro-PK.

São fenômenos psicocinéticos (PK):

- a) telepatia: transmissão mental de pensamentos e emoções;
- b) clarividência: visualização mental de coisas, acontecimentos, cenas e pessoas do mundo físico, através de um corpo opaco ou à distância (seria a dupla vista da classificação espírita);
- c) clariaudiência: percepção de sons, ruídos, frases, músicas, vozes etc., provenientes do

plano físico e do extrafísico, não percebidos pelas demais pessoas;

- d) precognição: previsão de acontecimentos futuros;
- e) retrocognição: relatos de acontecimentos ocorridos no passado, desconhecidos do sensitivo;
- f) psicocinesia: ação mental sobre objetos materiais, localizados no plano físico, movimentando-os ou produzindo os efeitos, inclusive alteração de forma.

Fenômenos Extra-sensoriais (PES: Percepção Extra-sensorial) que se encontram divididos em três tipos:

- a) Psi-Gama: telepatia, clarividência, clariaudiência, xenoglossia etc.
- b) Psi-Kapa: levitação e/ou transporte de objetos e pessoas.
- c) Psi-teta: são os fenômenos mediúnicos, propriamente ditos.

Em síntese, para a Doutrina Espirita os fenômenos paranormais, ou extra-sensoriais, são considerados de dois tipos: anímicos e mediúnicos.

Os Fenômenos Anímicos, assim denominados por Alexandre Aksakof (1832–1903), diplomata e filósofo russo que, ao se apropriar da expressão “anima” (alma), designa os fenômenos paranormais produzidos pela própria alma humana de anímicos, os quais o Codificador preferiu chamar de fenômenos de emancipação da alma.

Os Fenômenos Mediúnicos, originalmente designados por Allan Kardec, indicam a faculdade inerente às pessoas de se comunicarem com seres extracorpóreos.

Para o Espiritismo, os fenômenos mediúnicos podem apresentar duas formas de manifestação: efeitos físicos, que revelam ações de impacto no meio ambiente, e efeitos intelectuais, cuja manifestação exige certo grau de elaboração mental e de interpretação intelectual.

Caso haja interesse em Estudos Aprofundados da Doutrina Espirita, recomenda-se os respectivos cursos EADE ministrados pelos Centros, de forma didática e sistemática, bem como leituras mais complexas, tais como as obras de Ernesto Bozzano e

Edgard Armond, grandes autores e vultos do Espiritismo Científico.

Contudo, importa assinalar, a prática espírita, manifestada na forma do mediunismo e do animismo, fundamenta-se, necessariamente, nos parâmetros de moralidade, expressos no Evangelho de Jesus.

Mediunidade não significa necessariamente nível evolutivo, muito menos superioridade e nem mesmo é uma dádiva. É ferramenta, apenas. Desenvolve-se em diferentes níveis, em diferentes pessoas, de acordo com a necessidade e a capacitação (psicológica, moral e espiritual).

Vale ressaltar, no entanto, que por mais interessante que seja e necessária se torne uma leitura aprofundada, o apego a diferentes e complexas classificações não tem maior importância do que a essência do meio, não sendo o seu objetivo, para na redundância das palavras não haver um estudo difícil, hermético e segregacionista.

Ou seja, o estudo em si não sobrepõe como método ao que é seu objeto de estudo, o conhecimento de si, da Doutrina, para que se aprimore a sua prática, fundamentada na real meta, seguir a evolução para o a reforma íntima se processar, conforme o próprio

Codificador já definia na máxima frase: nascer, morrer, renascer, sempre evoluir, tal é a lei.

A sabedoria não está na sapiência, mas na prática que se faz pelo conhecimento.

09. Doença Física x Mental x Espiritual

Prezados irmãos e irmãs, quando li na abertura do [Blog do CEAK Copacabana – RJ](#) o tema em apreço, muito me encantou, dada a relevância da questão, já antiga, sobre a Doença física x Espiritual.

Como já feito acima, nos demais capítulos, as referências para este texto foram colocadas como links clicáveis, a fim de facilitar o imediato acesso.

De fato, em sua última revisão, a [Organização Mundial de Saúde](#) (OMS) retirou da [Classificação Internacional das Doenças](#) (CID), – já na 10ª edição (CID-10), – a mediunidade como não mais sendo considerada manifestação de doença mental, cabendo apenas outras condições classificadas. Considera-se isto um grande avanço social e filosófico.

Transcreve-se o parágrafo onde isso é bem claro nos seus termos, conforme encontrado no site [Uniespírito](#):

“Também, o CID-10, Código Internacional de Doenças, item F.44.3 – Estados de Transe e Possessão – configura como diagnóstico médico e qualifica o transe patológico (mediunidade/doença)

quando o individuo não tem controle sobre o fenômeno, ocorrendo de forma involuntária e não desejada. Mas não é considerada doença o estado de transe (mediunidade/saúde) sob domínio da pessoa em seu contexto cultural ou religioso – www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm.”

Infelizmente o DATASUS está com o link acima citado desativado, porém a busca pode ser facilmente feita, comprovando o conteúdo do parágrafo citado, nos sites “Qual o CID” e “Wikipedia”.

Se considerarmos a retrospectiva histórica, sem entrar no mérito da definição de mediunidade em si, veremos que do século XIX em diante o que era considerado loucura ou, pior, possessão demoníaca.

Progressivamente, a mediunidade foi comprovada como manifestação real paranormal, tendo inclusive sido observada demonstração científica, como nos ensina a própria *História do Espiritismo* em si.

As principais doenças que até então foram atribuídas como “explicando a mediunidade” e “desfazendo a causa sobrenatural”, foram:

- distúrbios neuróticos, com dissociação de personalidade
- distúrbios psicóticos, contendo alucinações

e/ou delírios

- epilepsias não convulsivantes, com alucinações e/ou delírios
- lesões cerebrais causando estados psicóticos (infecções, derrame, tumor etc)
- manifestações neurológicas e/ou mentais de doenças sistêmicas (febre etc)

Vale o parêntese explicativo de que *alucinações* são manifestações nos cinco sentidos, tais como ver, ouvir, sentir cheiros e sabores, formigamentos, distúrbios do tato. Enquanto que *delírios* são idéias, pensamentos, como mais se frequente se fazem persecutórios, idéias abstratas de perseguição, bem como grandeza (manias) ou o inverso, depressão (dita endógena). Claro que podem ser concomitantes ou não.

A questão que se põe é a identificação, quando realmente é mediunidade, quando é *de fato* um problema mental/neurológico ou, na pior das hipóteses, *fraude*.

Na verdade, esta revisão da versão CID 10 excluiu para que não se mais observasse distorções, para não se "tratar" como fosse doença manifestações que não necessariamente fossem.

Inclusive, encontramos material onde ficou claro que a mediunidade não está mais atrelada à esquizofrenia, como classicamente era considerada, conforme podemos apreciar no artigo da UFJF (MG)

E, vale lembrar, quando os médiuns foram ou são testados, ultrapassam muitas vezes a capacidade de detecção de doença real, com até comprovação de habilidades que fogem à capacidade de mensuração por aparelhos médicos. Estes mesmos aparelhos, bem como o confronto com informações adicionais, além de testemunhos e contraprovas, permitem também a defraudação. Aliás, historicamente o Espiritismo já traz estas respostas, por todos cientista que estudaram muitos médiuns.

Desde o princípio dos tempos, quando começaram a pesquisar, principalmente do século XIX em diante, as tentativas de mostrar ser farsa, acabou corroborando ser mediunidade.

De qualquer forma, não se deve excluir a necessidade de examinar pela Medicina, e as ciências que delas se baseia, antes de considerar apenas mediunidade ou obsessão, já que doenças também podem causar efeitos semelhantes, principalmente da fala e/ou do comportamento.

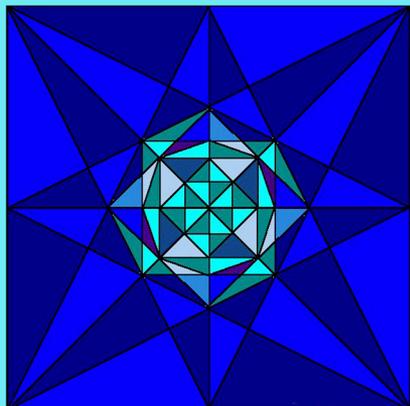
Conclui-se, portanto:

1. *A mediunidade foi reconhecida como não sendo uma condição não-mórbida, sendo respeitada, sem preconceito.*
2. *Os métodos tradicionais de verificação de doenças orgânicas, tais como Tomografia e Ressonância Magnética do Crânio servem para a triagem entre doentes e médiuns, de forma não excludente, pois uma não impede a coexistência da outra.*
3. *A coexistência de doença orgânica e mediunidade também pode ser observada, em pessoas com desígnios pré-estabelecidos quanto ao que lhe foi programado nesta vida. Porém devem também ser respeitados os tratamentos convencionais, quando necessários, se descobertas tais doenças orgânicas (infecções, derrames, tumores etc).*
4. *A inexistência de doença orgânica comprovada, por si só, não basta para justificar um tratamento isolado, pela terapia material e/ou convencional. Deve ser respeitada a necessidade de um tratamento espiritual, quando a pessoa apresentar distúrbios que lhe prejudiquem a vida.*
5. *Não se deve confundir mediunidade com doença espiritual, - tais como: Perturbação, Obsessão, Possessão e Dominação, que podem causar estados psicológicos doentios.*

6. *A Mediunidade pode ser o canal aberto para a Doença Espiritual, cabendo um diagnóstico diferencial mais amplo e sério, para a correta tomada das medidas pertinentes.*
7. *Doenças Mentais podem ter causa espiritual, seja pela sequela de vidas anteriores, seja pela influência recíproca de espíritos, não necessariamente constituindo doenças orgânicas ou mentais, estruturais ou isoladas.*
8. *Nem toda manifestação é psicossomática e isto deve também ser considerado.*
9. *Estados congênitos ou condições inatas podem fazer parte de programações pré-encarnatórias, como componente da missão escolhida, a qual pode incluir desde defeitos genéticos até adquiridos in útero (hereditárias ou congênitas, respectivamente).*

Na esperança de ter contribuído de forma efetiva para nossos estudos, espero que possamos juntos cada vez mais evoluirmos nesta estrada, em eterno aprendizado.

Paz profunda para todos.



A Psiquê Espírita

Fundamentos Gerais

Eduardo Penna

A presente obra visa tão somente abrir os caminhos pra os leitores e interessados neste campo de estudo, não se propondo a ser um tratado sobre o tema.

Sugere-se leituras especializadas, para maiores e aprofundados estudos, infelizmente complexos para a maioria das pessoas, o que justamente os afasta e as impede delas se aproximarem.



9 781458 304445